

EDJA BEZERRA FARIA TRIGUEIRO

Sobrados coloniais: um tipo só?

Are colonial sobrados seen-one-seen-them-all buildings?

Edja Bezerra Faria Trigueiro Arquiteta e urbanista (1978) e Mestre em História (1989) pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Doutora em Estudos Avançados em Arquitetura (1995) pela Bartlett School, UCL, University of London, onde também desenvolveu estágio pós-doutoral (2004-2005) como Honorary Research Fellow. Professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). edja.trigueiro@gmail.com

Edja Bezerra Faria Trigueiro is architect and urbanist (1978), with a Master's Degree in History (1989) from the Federal University of Pernambuco (UFPE). PhD in Advanced Studies in Architecture (1995) from the Bartlett School, UCL, University of London, where she also did a post-doctoral internship (2004-2005) as an Honorary Research Fellow. Professor at the School of Architecture and Urbanism of the Federal University of Rio Grande do Norte (UFRN). edja.trigueiro@gmail.com

Resumo

O sobrado foi considerado um tipo único na literatura sobre arquitetura doméstica no Brasil colonial (VAUTHIER, SMITH). Um estudo morfológico da estrutura espacial desses edifícios foi desenvolvido como parte do processo analítico que fundamentou minha tese de doutorado (TRIGUEIRO, 1994) cujo objetivo foi investigar, em perspectiva diacrônica, nexos socioculturais impregnados nos arranjos espaciais de moradias coloniais e ecléticas, com enfoque para como certos espaços funcionais relacionam-se entre si e com o exterior, a fim de verificar traços de mudança e de continuidade em modos domésticos de vida. Técnicas básicas de representação, quantificação e análise, pertinentes ao instrumental da Análise Sintática do Espaço (HILLIER e HANSON, 1984), foram aplicadas às plantas de duas moradias recorrentemente consideradas na literatura como arquétipos de residências das camadas mais privilegiadas, por apresentarem, dentre outros atributos arquitetônicos, um conjunto de espaços organizados em uma disposição geométrica semelhante. Os procedimentos metodológicos empregados visaram inicialmente verificar essa assertiva mediante a indagação de se a uma organização similar de ambientes com funções afins correspondia uma mesma estrutura espacial, aqui entendida como expressiva e condutora de relações socioculturais. Os resultados indicaram que a aparência semelhante das caixas murais e dos arranjos dos cômodos nos dois casos examinados enformavam diferenças cruciais segundo as quais a configuração espacial dava resposta a modos distintos de interface entre moradores e entre estes e visitantes. Este estudo objetiva, portanto, demonstrar a ocorrência de dois modelos de configuração consubstanciados em leiautes semelhantes conforme representados em plantas baixas. Além de iluminar um tema que por tão repetido ao longo de tanto tempo atingiu status de mito, os achados aqui expostos podem contribuir para a análise de moradias e de outros tipos edilícios por oferecer exemplos do emprego de procedimentos simples de análise configuracional que podem ajudar a enxergar para além da esfera estilística do ordenamento das partes, desvelando a alma social embutida na estrutura do todo.

Palavras-chave: Morada brasileira. Sobrados coloniais. Morfologia da arquitetura. Configuração espacial.

Abstract

Colonial 'sobrados' have been considered "seen-one-seen-them-all" buildings in the literature about domestic architecture in Brazil (Vauthier, Smith). A morphological examination of the space structure of such buildings was developed as part of my doctoral thesis (TRIGUEIRO, 1994) which aimed to investigate sociocultural nexus imbedded in the spatial layout of Brazilian colonial and post-colonial homes, and especially in the way key rooms related to one another and to the exterior, within a diachronic perspective in order to ascertain traces of change or continuity in domestic modes of life. Graph analysis pertaining to basic Space Syntax techniques were applied to two house plans that have been recurrently presented in the literature as archetypes of colonial wealthy homes for displaying a certain set of rooms organised in a similar geometrical arrangement. The applied methodological procedures aimed at verifying that assumption by ascertaining whether the similarities in geometrical arrangement and designation of room labels, corresponded to a similar spatial structure, here understood as an embodiment of sociocultural relations. Results indicated that the similar appearance of the built shells and of the arrangement and sequencing of room labels in those houses may disguise crucial differences in terms of how their spatial configuration could respond to distinct modes of social interface among residents

and between these and outsiders. This study aims thus to demonstrate the occurrence of two discrete patterns of spatial configuration under the guise of a similar layout as represented by house plans. Besides shedding light on a theme that has gained the status of myth for having been recurrently reaffirmed, findings may contribute to the analysis of housing and other building types by offering an example of simple space analysis procedures that can help to see beyond the stylistic sphere of the ordering of parts and into the social soul within the spatial structuring of the whole.

Keywords: *Brazilian domestic space. Colonial sobrados. Architectural morphology. Space configuration.*

[...] *quem viu uma casa brasileira, viu quase todas.* (VAUTHIER, 1981:37)

Apresentação

Este artigo sintetiza achados da análise que dá sustentação a minha tese de doutorado (TRIGUEIRO, 1994). Foram originalmente expostos em um ensaio, escrito em inglês (TRIGUEIRO, 1992) que não cheguei a publicar e, anos depois, em um artigo apresentado em evento de divulgação científica (TRIGUEIRO, 1995), cujos anais não lograram – até onde vai meu conhecimento – publicação. Entretanto, alguns desses achados foram citados em estudos sobre relações entre moradias e modos de vida por autores (i.e. AMORIM, 2008: 304-305) que tiveram acesso aos manuscritos ou à tese de doutorado.

Considerarei a publicação do artigo agora, mesmo passadas duas décadas, porque vem crescendo o interesse por abordagens morfológicas para investigar espaço doméstico no Brasil, e porque continuam circulando aqueles velhos manuscritos sobre o que acredito ter sido o primeiro estudo de moradias coloniais no qual foram empregados procedimentos de análise sintática do espaço. Pareceu-me, ainda, particularmente oportuno divulgar um estudo em que facetas importantes do modo como o espaço é estruturado para servir a interesses socioculturais foram reveladas, mediante procedimentos singelos de representação, quantificação e análise, desenvolvidos na maior parte manualmente (só os valores numéricos foram calculados por aplicativo), em um momento em que se ampliam as oportunidades de emprego dessa metodologia, com a diversificação de aplicativos computacionais concebidos especialmente para tal fim, antes raros e de difícil acesso, agora disponíveis para download gratuito na rede mundial de computadores¹.

No intuito de reforçar o potencial didático do estudo, de contribuir para desmistificar a ideia de “complicação” ainda associada à Análise Sintática do Espaço, e de simplificar o entendimento dos procedimentos metodológicos adotados, optei por reduzir o número de casos examinados nos artigos anteriores (quatro nos manuscritos, 25 na tese), uma vez que o argumento pode ser satisfatoriamente fundamentado nos dois casos aqui expostos.

1. Como é o caso do JASS, criado por Lena Bergsten et alii, por cooperação entre pesquisadores da HTH School of Architecture e NADA, instituição composta pelo Royal Institute of Technology, KTH, e a Universidade de Estocolmo. Os primeiros aplicativos, *Netbox* e *NewWave*, foram criados para o sistema Macintosh, nos anos 1980 e 1990, por Nick Dalton (Sheep) e pesquisadores do University College London. Outros aplicativos, também disponíveis como *freewares*, que podem revelar propriedades espaciais em distintas escalas são o *Depthmap*, criado por Alastair Turner, do University College London e o *Mindwalk*, pelo brasileiro Lucas Figueiredo, hoje professor na Universidade Federal da Paraíba.

Introdução

O sobrado, tipo residencial próprio das camadas mais privilegiadas do Brasil colonial e expressivo de uma ordem sociocultural marcada pela autoridade do páter-famílias, foi, durante muito tempo, considerado como uma “forma rígida”, um “tipo único” (VAUTHIER, 1981:37), refratário, portanto, a variações de arranjo espacial capazes de enformar modos distintos de interface entre moradores – homens, mulheres, crianças, agregados, serviçais – e entre estes e visitantes.

Buscou-se verificar essa premissa mediante o exame da estrutura espacial de dois sobrados situados, um em Olinda, outro no Recife, ambos apresentando formas de implantação, volumetria, modenatura e planta baixa que foram consideradas por alguns autores como geradoras desse presumido tipo único. Teve-se como fio condutor a indagação de se a um formato de planta aparentemente idêntico corresponderia uma estrutura espacial semelhante. O estudo visou ainda, à época, estabelecer parâmetros para a investigação de possíveis alterações em modos de comportamento doméstico a partir de meados do século XIX (TRIGUEIRO, 1994). Procurou-se, portanto, decifrar a lógica subjacente à articulação espacial dos casos aqui investigados e compará-la a aspectos socioculturais da existência no Recife colonial, conforme a literatura.

Como instrumental analítico foram utilizados procedimentos básicos, facilmente replicáveis, de análise configuracional, neste caso especificamente de Análise Sintática do Espaço (doravante referida como ASE), pertinentes à Teoria da Lógica Social do Espaço (HILLIER e HANSON, 1984). Espera-se, assim, que este artigo possa facilitar a compreensão e possivelmente o emprego desses procedimentos em estudos afins, contribuindo para ampliar o conhecimento sobre a moradia brasileira e sobre ferramentas fundamentais de ASE, abordagem morfológica que tem sido, injustamente, considerada como hermética ou como desnecessariamente complicadora no estudo de estruturas espaciais.

Não se vai aqui buscar resumir o corpo teórico da Lógica Social do Espaço, extensivamente exposto por seus autores e colaboradores em numerosas obras (i.e. HILLIER e HANSON, 1984; HILLIER, HANSON e GRAHAN, 1987; HANSON, 1992 e 1998), bem como em antologias sobre morfologia arquitetural (STEADMAN, 1983). Penso ser necessário, entretanto, explicitar algumas noções essenciais para a compreensão desta análise – os conceitos de configuração espacial e de genótipo.

O termo “configuração” é aqui entendido não como formato, composição ou arranjo de determinado conjunto de espaços, mas como “estrutura”, ou seja, como um todo resultante de partes que se relacionam entre si e cuja relação não pode ser alterada sem que se altere o todo, uma vez que é esse sistema de relações que determina a natureza do todo. Um dos esteios teóricos da ASE baseia-se na premissa de que é primordialmente “[...] por meio da configura-

ção espacial que as relações e os processos sociais se expressam no espaço” (HILLIER, HANSON e GRAHAN, 1987: 364). Na maioria dos edifícios, funções e atividades distintas tendem a se localizar em espaços que integram o todo em graus dissimilares de acessibilidade. Quando espaços que acomodam certas funções se relacionam em um sistema segundo um arranjo ou ordem de valor consistentemente encontrada em outros casos de determinada amostra, tem-se um indício de que esse padrão mórfico (e mensurável) traduz um padrão sociocultural – ou genótipo. A expressão gráfica ou numérica resultante da representação da configuração espacial é, portanto, uma expressão de desigualdade sócio-espacial. Quando essa expressão manifesta-se segundo um padrão consistente em um conjunto de casos, pode-se dizer que um genótipo de desigualdade foi encontrado. Por genótipo entende-se, portanto, um conjunto de propriedades espaciais comuns a um grupo de edifícios que podem caracterizá-los como um tipo morfológico, uma “família”.

Estudos demonstram que as normas, segundo as quais os espaços são organizados variam de acordo com necessidades específicas de seus usuários, entre sociedades, entre grupos distintos de uma mesma sociedade e ao longo do tempo. Tais abordagens fundamentam-se, em termos gerais, na premissa de que “ideias culturais estão objetivamente presentes nos artefatos tanto quanto estão subjetivamente presentes nos processos mentais” (HILLIER, HANSON e GRAHAN, 1987: 363-385). Em espaços domésticos, essa premissa pode traduzir-se no posicionamento de paredes, para separar atividades (e pessoas), e de portas para uni-las; de espaços e cômodos mais ou menos acessíveis para todos os demais espaços ou cômodos, ou a partir deles. Segue-se que a investigação dos esquemas de articulação de paredes e portas – e, portanto, de acessibilidade topológica (porque relacional) – decifra as leis segundo as quais o contato entre os diversos habitantes de cada unidade, e entre estes, visitantes e estranhos, é facilitado ou dificultado, revelando aspectos das relações sociais domésticas, nem sempre perceptíveis nas representações convencionais de plantas baixas, cortes e fachadas.

O objetivo deste estudo foi, portanto, verificar a ocorrência de padrões genótipicos de acessibilidade entre as principais funções domésticas em sobrados de Olinda e Recife que apresentam formas semelhantes quanto à relação entre o edifício e o lote e entre o lote a quadra e a rua, quanto ao volume das caixas murais, quanto à relação entre cheios e vazios e os elementos construtivos de acabamento das fachadas principais, e quanto à disposição dos cômodos em planta baixa. Em suma, buscou-se verificar se a uma feição estilística semelhante correspondia uma configuração espacial semelhante.

Para Hanson (1992), a configuração espacial ocorre quando as relações existentes entre dois espaços que se comunicam são afetadas pela inclusão de um terceiro, ou de qualquer número de espaços adicionais. A configuração em um determinado sistema de espaços pode ser representada por grafos de acesso. Os grafos de acesso são matrizes que descrevem graficamente um sistema de par-

tes intercomunicantes (rede de usuários em um provedor, estrutura do DNA, etc.), em nosso caso, os espaços internos de um edifício isolado do espaço exterior. Nos grafos de acesso, cada espaço – ou segmento de espaço, ou cômodo, ou ambiente – é representado por um ponto ou nódulo; e cada acesso ou meio de ligação entre tais espaços, bem como entre o interior e o exterior, é representado por uma linha.

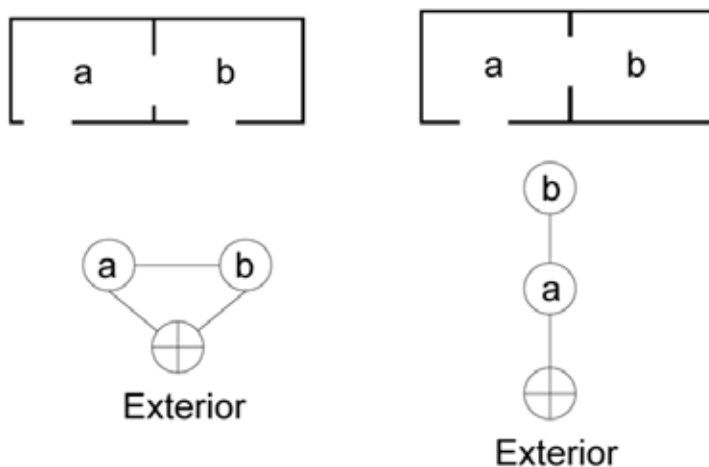
Na figura 1 estão apresentadas configurações espaciais hipotéticas distintas que poderiam ser de edifícios elementares (de dois cômodos) quase idênticos, estando, em um deles, os dois cômodos abertos para o exterior, e no outro, apenas o cômodo rotulado como “a”. Vê-se, portanto que, enquanto na configuração representada à esquerda nenhum espaço exerce controle sobre os demais – podendo-se ir de um cômodo a outro ou ao exterior do edifício indistintamente – na da direita, o espaço rotulado como “a” exerce controle sobre o acesso de “b” ao exterior e vice-versa.

Essas variações expressivas de alterações na relação de cada espaço com os demais componentes do sistema que se está examinando emergem dos grafos de acesso, podendo ser também quantificadas em valores numéricos, calculados manualmente, ou por programas concebidos para esse fim. Ainda na figura 1 estão apresentados valores de conectividade e valores de acessibilidade topológica, comumente referidos no jargão da ASE como valores de integração. Tem-se, por exemplo, que na estrutura espacial em que todos os espaços estão interligados, cada um se conecta a dois outros (o valor de conectividade é, portanto, 2 para todos) e na estrutura espacial em que o espaço “a” media o acesso entre o exterior e o espaço “b”, somente o espaço “a” se conecta a dois outros, enquanto os demais apresentam valor 1 de conectividade. A partir dos valores de conectividade são calculados os valores de integração (operação gráfico-numérica extensamente detalhada na bibliografia referida – ver, por exemplo, HANSON, 1996: 28-29). Na estrutura simetricamente distribuída da figura 1, o valor de integração ou acessibilidade é zero, para todos os componentes enquanto na outra, é zero apenas para o espaço “a”, o espaço, portanto, mais acessível em relação aos demais. Valores mais baixos indicam maior acessibilidade, ou menor assimetria relativa do sistema (Real Relative Asymmetry - RRA), conforme cálculo executado pelo aplicativo empregado neste caso (o JASS), havendo aplicativos que invertem a escala para fazer coincidir valores numéricos mais altos com níveis mais altos de integração ou acessibilidade. O valor de integração de determinado espaço em relação a todos os demais de um sistema espacial estudado é a medida de ASE mais universalmente utilizada e é a única que se empregou neste estudo.

FIGURA 1

Grafos de acesso (e respectivos valores numéricos) representando configurações espaciais hipotéticas que poderiam ser variantes de planta baixa de um mesmo edifício elementar

Fonte: Autora, a partir de esquemas em Hanson, 1998



Nóculo	Exterior	a	b	Nóculo	Exterior	a	b
Conectividade	2	2	2	Conectividade	1	2	1
Integração	0	0	0	Integração	4,742	0	4,742

Os sobrados

Os casos estudados aqui estão entre os mais referidos na historiografia da casa brasileira do período colonial. A casa situada no Pátio de São Pedro, em Olinda, que se acredita datar do século XVII [2] e o sobrado recifense [4] descrito pelo engenheiro francês Louis Leger Vauthier, residente no Recife entre 1840 e 1846, são tidos como exemplares típicos das residências de famílias abastadas da sociedade colonial brasileira (VAUTHIER, 1981: 38-42)². Sobre estas construções, escreve o autor nas cartas ao amigo arquiteto Cesar Daly:

[...] que serão essas construções alinhadas que não recebem ar nem luz senão pelas duas extremidades? Essa forma rígida, esse tipo único, comprimido na largura, não se presta nada, bem o compreendeis, a uma grande variedade de disposições internas. Assim, quem viu uma casa brasileira, viu quase todas.

Uma sala de frente, uma sala de fundos; comunicando-se a cada uma dessas peças, há uma ou duas alcovas fechadas por meio de portas envidraçadas; entre esses dois grupos, um corredor [...] (VAUTHIER, 1981: 37)

2. A planta foi reproduzida a partir dos desenhos que ilustram o texto de Vauthier (1981: 38; 40).

FIGURA 2

Casa do Pátio de São
Pedro, Olinda

Fonte: Redesenhada pela
autora a partir de Smith
(1981:118)



Robert Smith (1981: 121) corrobora com essa suposição ao atribuir caráter de “[...] arquétipo da arquitetura residencial do Brasil colonial [...] à planta da casa do Pátio de São Pedro”. O autor alicerça sua hipótese referindo-se à presença de “[...] certo número de elementos que se tornariam parte essencial da arquitetura residencial mais recente do Brasil colonial [...]”. Ressalta a existência de duas portas na fachada, uma levando ao saguão de entrada e à residência propriamente dita, a outra dando acesso ao que se acredita ter sido uma loja; dos cômodos supostamente ocupados por escravos na parte posterior do térreo; e de cinco elementos

[...] enconradições em outras casas de várias partes do Brasil. São estes: a grande sala de frente com o oratório do lado [...] a varanda que se estende por quase toda a largura da fachada [...] um corredor estreito que vai até os fundos com portas de ambos os lados dando para os quartos [...] pequenas alcovas sem ar nem luz [...] a sala de jantar com a cozinha à direita. (SMITH, 1981: 116-119)

Ambos os casos aqui analisados contém os cinco elementos “definidores” da moradia colonial e mais as duas portas do térreo, a loja e o saguão, com respectiva escada; a casa descrita por Vauthier teria pertencido, “a uma bolsa mediocrementemente guarnecida” (VAUTHIER, 1981: 43). Entretanto, como se verá, sob as semelhanças geométricas identificadas pelo ordenamento dos espaços nas plantas, delineiam-se dois modelos distintos de estruturas.

A figura 3 ilustra os procedimentos de representação, quantificação e análise sintática desenvolvidos neste estudo. Sobre as plantas foram desenhados grafos planares, que são grafos de acesso desenvolvidos em um plano. Cada cômodo foi representado por um ponto ou nóculo e suas ligações com os demais

espaços por linhas, conforme se demonstrou na representação do edifício elementar hipotético que se viu na figura 2. As circulações – corredores, vestíbulos, patamares, pés-de-escada, etc. – foram fracionadas em **espaços de transição** de acordo com dobras e recessos, uma vez que essas dobras são frequentemente propositais para resguardar determinados ângulos da moradia, da visão direta a partir de outras áreas; escadas foram consideradas como um único espaço.

Os grafos planares foram, em seguida, transformados em grafos justificados, ou seja, em grafos de acesso, enraizados a partir de determinado nóculo ou espaço componente da configuração espacial. Para cada mudança de espaço avança-se uma linha de profundidade (ou passo topológico) de sorte que os espaços são considerados topologicamente mais **rasos** ou mais **profundos** conforme estejam situados mais ou menos próximos à raiz.

Com o intuito de representar distintos modos de acesso (por distintos grupos de pessoas) os grafos foram justificados a partir: (1) do **exterior**, aqui considerado o espaço externo aos limites das paredes envoltórias – o lado de fora – conectado aos espaços internos do sobrado **por todas as entradas**; (2) **da rua**, conectada ao interior do sobrado apenas **pela porta principal**. O grafo justificado no exterior simula a percepção das possibilidades de acesso de um morador que poderia entrar no prédio por qualquer porta; o grafo justificado na rua simula a percepção de um visitante.

Os grafos foram quantificados em valores numéricos de integração (RRA) [4], segundo uma escala que vai de maior integração (valores mais baixos) para maior segregação (valores mais altos). Conforme já se explicitou, cada caso foi analisado duas vezes, segundo procedimentos de representação de configurações que podem enformar relações distintas de encontro e esquiva. Na primeira foram exploradas as relações entre os habitantes, mediante o estudo da estrutura espacial interior do edifício, conectada ao exterior, ou “lado de fora” por todas as entradas; um único ponto representa todos os espaços externos à caixa mural que contém o edifício, independentemente da natureza ou situação desses espaços – quintal, oitão, recuo lateral, espaço público, estejam eles localizados na frente, nos fundos ou nas laterais do edifício. Em uma segunda modelagem foram exploradas as relações entre habitantes e entre estes e visitantes, através do exame da estrutura espacial interna conectada à rua (representada por um ponto) apenas pela porta principal.

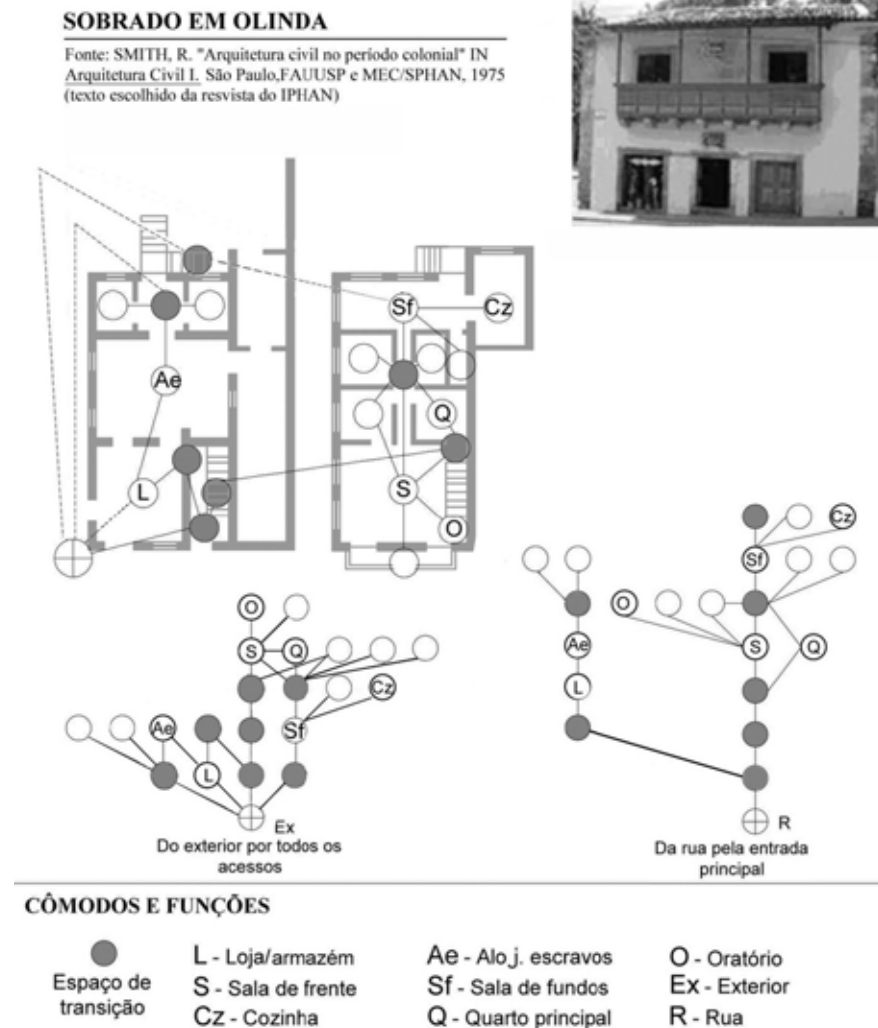
Note-se que na figura 3 um mesmo grafo planar embasa dois grafos justificados que representam: (i) à esquerda do observador, a estrutura espacial interligada ao exterior por todas as entradas (sendo três delas representadas por linhas tracejadas no grafo planar); e (ii) à direita, o acesso a partir do logradouro público (rua, avenida, praça etc) através da entrada principal. Nesta modelagem foram desconsiderados os cômodos localizados na lateral direita (do observador) porque não há consenso quanto à natureza desses cômodos ou se teriam existido a época em que o sobrado era usado como residência. De qualquer

modo sua inclusão interfere pouco na configuração espacial do edifício (são conectados apenas ao exterior) não chegando a alterar a escala de acessibilidade, conforme se verificou em procedimentos experimentais.

FIGURA 3

Representações ilustrativas dos grafos de acesso aplicados aos casos estudados, sendo um grafo planar desenhado sobre as plantas-baixas dos dois pavimentos do sobrado situado à Praça de São Pedro em Olinda e dois grafos justificados: o da esquerda representando a configuração espacial acessível por qualquer das entradas; e o da direita re-configurado para representar o acesso somente pela porta principal (direita)

Fonte: AUTOR, 1994 sobre ilustração in Smith (1981)



Sobre aparências e nexos socioculturais

Olinda: pátio de São Pedro

Quando são considerados todos os acessos ao exterior – supondo que assim seria percebida a disposição do interior da casa por aqueles intitulados a adentrá-la sem restrições – o grafo de acesso justificado apresenta uma estrutura espacial rasa, com todos os espaços acessíveis até um máximo de 5 mudanças de posição (ou níveis de profundidade), estando 10 dos 22 espaços que a com-

põem a apenas um ou dois passos de distância topológica a partir do exterior. Há mais arranjos circulares do que lineares, ou seja, para se atingir a maioria dos espaços existem múltiplas possibilidades de percursos. Pode-se, por exemplo, chegar a vários cômodos por mais de um percurso – i.e. à sala de frente (S) pelo saguão de entrada, escada principal e patamar superior ou pela escada de trás, sala de fundos (Sf) e corredor central, podendo-se, ainda, passar por dentro das alcovas dianteiras – a da direita ou a que se acredita ter abrigado o dono da casa, aqui designada como quarto principal (Q), neste caso, através do patamar da escada da frente. Apenas oito são espaços terminais (que não dão acesso a nenhum outro), estando todos os demais posicionados em um anel de circulação (ou rota alternativa).

Tanto a sala dos fundos quanto a sala de visita tem acessibilidade mais alta que o valor médio de integração do sistema (1,127 RRA), bem como o quarto principal e o exterior. A cozinha, entretanto, é consideravelmente segregada assim como todos os espaços que teriam sido ocupados por escravos ou empregados. A escala de acessibilidade apresenta a sequência: sala de trás (SF), exterior (Ex), sala de visita (S), quarto principal (Q), cozinha (Cz) e alojamento de escravos (Ae). A figura 4 apresenta esses dados.

O grafo de acesso justificado a partir da rua, pela porta principal, mostra dois ramais que se bifurcam a partir do vestibulo: um interliga os principais espaços de viver da família, o outro, espaços de serviço, armazenamento ou comércio, bem como o alojamento de escravos e dois cômodos que se acredita terem sido designados para empregados, agregados ou hóspedes homens. Dentre os espaços da família, o primeiro cômodo a que se tem acesso, a sala de visita (S), aprofunda-se na estrutura espacial, ocupando o nível 4. Isto significa que para se atingir a sala da frente, a partir da rua, o visitante terá de transpor três espaços internos – o saguão, a escada e o patamar superior. A moradia, propriamente dita, desenvolve-se em torno de um cordão central onde se alternam cômodos (as salas da frente e de trás) e espaços de transição. Dois anéis de acesso ligam-se àquele cordão, o primeiro contendo patamar, quarto principal (Q), sala de frente (S) e corredor; o outro, alcova, corredor e sala de frente (S), esta sendo o único cômodo do complexo a fazer parte de dois anéis. O corredor, também posicionado na intersecção dos anéis, é o pivô de distribuição de seis dos sete cômodos de viver. A sala de trás e duas das alcovas localizam-se no nível de acesso 6. A cozinha (Cz) e a despensa são as últimas células a se atingir, no nível 7. No ramal representando o térreo, os espaços conformam um arranjo linear, sem rotas alternativas de acesso, no qual se sucedem a loja ou armazém, e os cômodos supostamente usados por escravos ou empregados.

Em termos numéricos [4], o complexo é consideravelmente mais segregado (valor médio de integração = 1,688 RRA) do que aquele resultante da configuração desenvolvida a partir do exterior, consideradas todas as entradas. O espaço de viver topologicamente mais acessível é a sala de frente e a alcova contígua ao patamar da escada, provavelmente usada como quarto principal. A sala de trás

apresenta valor de integração aproximado da média do sistema (1,488 RRA), e a rua (R), a cozinha (Cz) e os cômodos presumivelmente ocupados por escravos ou criados situam-se na banda mais segregada da escala (1,733, 1,933 e 2,089 RRA, respectivamente).

Caso	Época de construção estimada	Acessibilidade da estrutura espacial, consideradas todas as entradas a partir do EXTERIOR			Acessibilidade da estrutura espacial, considerada apenas a entrada principal a partir da RUA		
		Nº de espaços	Média de valores de integração	Hierarquia de integração entre cômodos principais	Nº de espaços	Média de valores de integração	Hierarquia de integração entre cômodos principais
Sobrado Olinda	Sec. 17	22	1,127	Sf>Ex>S>Q>Cz>Ae	22	1,688	S>Q>Sf>R>Cz>Ae
Sobrado Recife	Sec 19	22	1,537	S>Q>Ex>Sf>Cz>Ae	22	1,573	S>Q>Sf>Cz>R>Ae

FIGURA 4 (tabela)

Acessibilidade da estrutura espacial e dos cômodos principais (ordem de valores de integração) consideradas possibilidades distintas de entrada.

Fonte: Autor, 2004

Moradia de uma “bolsa mediocrementemente guarnecida” no Recife

Ao contrário do que ocorreu com o sobrado de Olinda, quando todas as entradas são consideradas no sobrado onde residia, em meados do século XIX, segundo Vauthier, o dono de uma “bolsa mediocrementemente guarnecida”, a configuração espacial pouco difere daquela que se desenrola a partir da rua, pela porta principal. No percurso franqueado aos moradores, ou, pelo menos aos mais privilegiados deles, o grafo encolhe em um nível de profundidade apenas, comparativamente à provável rota do visitante. A média de valores de integração se mantém praticamente idêntica (1,537 e 1,573 RRA, respectivamente) nas duas estruturas – a que se pressupõe menos restritiva dos moradores e a formal dos visitantes – e a redução nos valores RRA dos espaços térreos, compactados pelo anel de acesso exterior, é insignificante, não levando à alteração da escala de valores de integração por funções (figura 4).

A escala de acessibilidade é liderada pela sala de frente (S); a alcova contígua a esta (Q) é mais integrada que a sala de trás; a rua (R), a cozinha (Cz) e o alojamento de escravas (Ae), localizado no sótão, se posicionam na banda mais segregada da escala; e o alojamento de escravos (Ae), no pavimento térreo, é um dos espaços mais segregados do complexo, tal qual se viu no exemplo anterior.

Por outro lado, enquanto sobrado de Olinda os espaços de viver e de transição se alternavam nas sequências de acesso, aqui todos os pontos constitutivos do cordão central, que parte da rua, representam espaços de circulação ou de serviço, enquanto os cômodos de uso da família localizados em anéis independentes. Pode-se, assim, atingir a zona de serviço no sótão (que compõe um anel

FIGURA 5

Plantas dos três pavimentos de um sobrado recifense (térreo, primeiro andar e sótão) e grafos de acesso justificados para representar a estrutura espacial acessível por qualquer das entradas (Ex) e pela porta principal (R).

Fonte: TRIGUEIRO, 2004 a partir de Vauthier (1981)



independente), sem atravessar as salas ou qualquer outro espaço de viver do pavimento principal. Uma passagem estreita escamoteada por trás da escada, entre as alcovas – a principal (Q) e a secundária – permite uma rota alternativa de acesso independente da circulação principal, definindo um anel específico.

A despeito das características formais consideradas definidoras do sobrado colonial, comuns aos dois casos abordados, e de algumas semelhanças também encontradas nas suas estruturas espaciais, merecem atenção certas sutilezas morfológicas que resultaram desta breve análise. Tais sutilezas ganharam relevância no decorrer da análise morfológica que fundamentou a tese de doutoramento da qual este estudo fez parte, na medida em que apontaram para a existência de dois modelos representativos de modos distintos de interface entre moradores e entre estes e visitantes, cujos traços continuaram a emergir na amostra maior (50 casos) que representou o conjunto de moradias brasileiras estudadas (TRIGUEIRO, 1994).

Considerações Finais

Aspectos genotípicos comuns às duas estruturas espaciais estudadas delinearam-se, principalmente quando estas foram permeadas pela porta principal. Em ambos os casos, a sala de frente e uma (ou mais de uma) das alcovas dispõem de rotas alternativas de acesso e são os cômodos mais acessíveis enquanto a sala de trás, a cozinha, a rua e, principalmente, o alojamento de escravos homens são segregados. Nos dois casos a separação espacial das duas unidades – a da família e a de escravos/criados/estranhos – se processa em dois planos: um radical, por andar e por circuito; outro, menos óbvio, pela articulação de cômodos e espaços de circulação no âmbito da moradia propriamente

ditada. É neste último aspecto que os casos estudados apontam para a existência de dois modelos estruturais. No sobrado de Olinda, a sala de frente é passagem obrigatória para o resto da residência e o acesso posterior funciona, ou poderia funcionar, tanto como acesso de serviço quanto como rota alternativa para habitantes, espécie de alternativa de presença ou esquiva pela retaguarda. No sobrado do Recife, o efeito integrador produzido pela dupla entrada restringe-se ao pavimento térreo e extingue-se no primeiro lance da escada, a partir da qual existe uma e somente uma rota de deslocamento. Nos andares acima do térreo, a separação entre as comunidades de moradores – senhores e serviçais – se faz através do deslocamento dos cômodos de viver para fora do circuito de circulação.

Nas moradias coloniais, o antagonismo entre os domínios público e privado, a clara demarcação entre as áreas de usos de senhores e de escravos e a polaridade entre espaço masculino e feminino são temas explorados por historiados e cronistas de época. Gilberto Freyre ressalta a rejeição à rua, por um patriarcalismo que, transferido da casa-grande para os sobrados, lutava pela auto-preservação no meio urbano. A luta mais renhida se teria travado em torno das mulheres a quem o patriarca queria presas nas alcovas e camarinhas (Freyre, 1981: 154). Nos escritos de Vauthier (1981: 39-41) percebe-se a oposição entre a sala de frente – espaço essencialmente masculino onde “[...] o dono da casa nos espera com todo o cerimonial” e a de fundos, referida pelo autor como um “gineceu fechado aos olhos profanos”.

Nos exemplos estudados, a rua é extremamente segregada como também o são todos os espaços reservados a atividades que pressupõem a presença de estranhos ou serviçais – loja, quarto de empregados livres ou talvez hóspedes homens, cozinha, alojamento de escravos. No polo oposto, a sala de frente ou de visitas detém um nível privilegiado de acessibilidade ou é o próprio lócus de integração do complexo, aspectos sugestivos de que estranhos deveriam ser mantidos a distância, a menos que considerados dignos de chegar até a sala de visitas, tida como um centro de hospitalidade e solidariedade masculina.

A sala de trás situa-se entre os espaços mais segregados, quando a perspectiva de acesso de visitantes entra em cena. Entretanto, quando todas as aberturas para o exterior são consideradas, a sala de trás torna-se o cômodo mais acessível do sistema no primeiro caso examinado. Smith notou o caráter integrador da escada posterior na casa do pátio de São Pedro em Olinda, capaz de interligar dois mundos – o da família e o dos de fora – através da sala de trás. Essa propriedade, confirmada pela inclusão da escada dos fundos na casa de Olinda, não se verificou no sobrado recifense cuja configuração quedou-se indiferente à existência de um acesso posterior.

Para Freyre, a casa-grande especializou-se em guardar mulheres e valores, uma função que o sobrado urbano teria, segundo este autor, buscado conservar o quanto pôde. A lógica subjacente à organização espacial dos casos estudados

parece confirmar essa noção e corroborar a tese, defendida por Freyre, de que o século XIX teria presenciado o apogeu e o ponto de declínio do modelo patriarcal no Brasil. O tipo doméstico revelado nas cartas de Vauthier parece ter sido a materialização última daquele modelo e daquele momento.

Como afirmado anteriormente, o estudo integral, do qual os achados apresentados neste artigo resultaram, prosseguiu com a análise de plantas de moradias coloniais (23 outros casos) e ecléticas (25 casos). A investigação reforçou a existência dos dois modelos aqui expostos, sendo um deles – o rigidamente hierarquizado, imune à inclusão de acessos alternativos – mais frequente entre sobrados urbanos, enquanto o outro, onde o exterior funciona como veículo integrador, capaz de reduzir e modificar a hierarquia espacial, mais frequente entre moradias localizadas fora dos núcleos centrais do Recife, em localidades dos arredores, engenhos e sítios. Vestígios desse modelo permaneceram (às vezes mais intensos) em moradias ecléticas, nas quais era comum haver um generoso número de entradas. O modelo mais flexível de configuração espacial, encontrado em moradias anteriores a meados do século XIX e em casas semiurbanas de (e a partir de) então, parece associar-se a modos menos rígidos de convívio social. Essa ideia é reforçada por narrativas, sobretudo de visitantes estrangeiros, não raro surpreendidos pelo abrandamento da formalidade dos costumes, que testemunhavam durante estadias em sítios às margens dos rios, por ocasião da passagem das festas – como se designava o período de veraneio no Recife do século XIX.

Além de alertar sobre a possível existência dos genótipos esboçados nesta etapa analítica (e confirmados no decorrer do processo analítico da amostra completa), de substanciar algumas visões sobre a moradia brasileira e desautorizar outras, os resultados deste estudo contribuíram para fortalecer a ideia de que procedimentos de análise configuracional, mesmo os muito simples, podem revelar significados socioculturais que escapam às descrições convencionais, mesmo as muito consolidadas.

Agradecimentos

Aos mestres Bill Hillier e Julienne Hanson, criadores da Análise Sintática do Espaço, orientador e supervisora em meus estudos no University College London.

Aos CNPq e CAPES, pela concessão de bolsas de doutorado e pós-doutorado.

Referências

- AMORIM, L. e GRIZ, C. (orgs.). **Cidades: urbanismo, patrimônio e sociedade**. Olinda: Livro Rápido. 2008.
- FREYRE, G. **Sobrados e mucambos**. José Olympio, 1981.
- HANSON, J. "Tradition and experimentation in housing and neighbourhood design". In: *Proceedings and Prospects on Housing Policy and Technology Development for the 21st Century*. Korea Exhibition Center, Seoul, 1992.
- HANSON, J. **Decoding homes and houses**. Cambridge University Press, 1998.
- HILLIER, B. e HANSON, J. **The Social Logic of Space**. Cambridge University Press, 1984.
- HILLIER, B., HANSON, J., e GRAHAM, H. "Ideas are in things: an application of the space syntax method to discovering house genotypes". In: **Environment and Planning B: Planning and Design**, 1987, v. 14, pages 363-385.
- PINTO, E. "Muxarabis e balcões". In: **Arquitetura Civil II**, FAUUSP e MEC-IPHAN, São Paulo, 1980.
- SMITH, R. "Arquitetura civil do período colonial". In: **Arquitetura Civil II**, FAUUSP e MEC-IPHAN, São Paulo, 1975.
- STEADMAN, P. **Architectural Morphology**. Pion, London, 1983.
- TRIGUEIRO, E. "Change (and continuity). In: **Domestic space design: a comparative study of nineteenth and early twentieth century houses in Britain and Recife, Brazil**. Tese de doutoramento. Londres: The Bartlett School of Graduate Studies, University College London, 1994
- TRIGUEIRO, E. "Sobrados coloniais: um tipo só?" Apresentação de Comunicação no I Seminário sobre Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo no Brasil. Porto Alegre: UFRGS, 1995.
- TRIGUEIRO, E. "Are colonial sobrados 'seen-one-seen-them-all' buildings?" Ensaio apresentado como trabalho disciplinar no curso de doutoramento. The Bartlett School of Graduate Studies, University College London, 1992.
- VAUTHIER, L. L. "Casas de residência no Brasil". In: **Arquitetura Civil I: Textos Escolhidos da Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. São Paulo: MEC-IPHAN, 1981.